

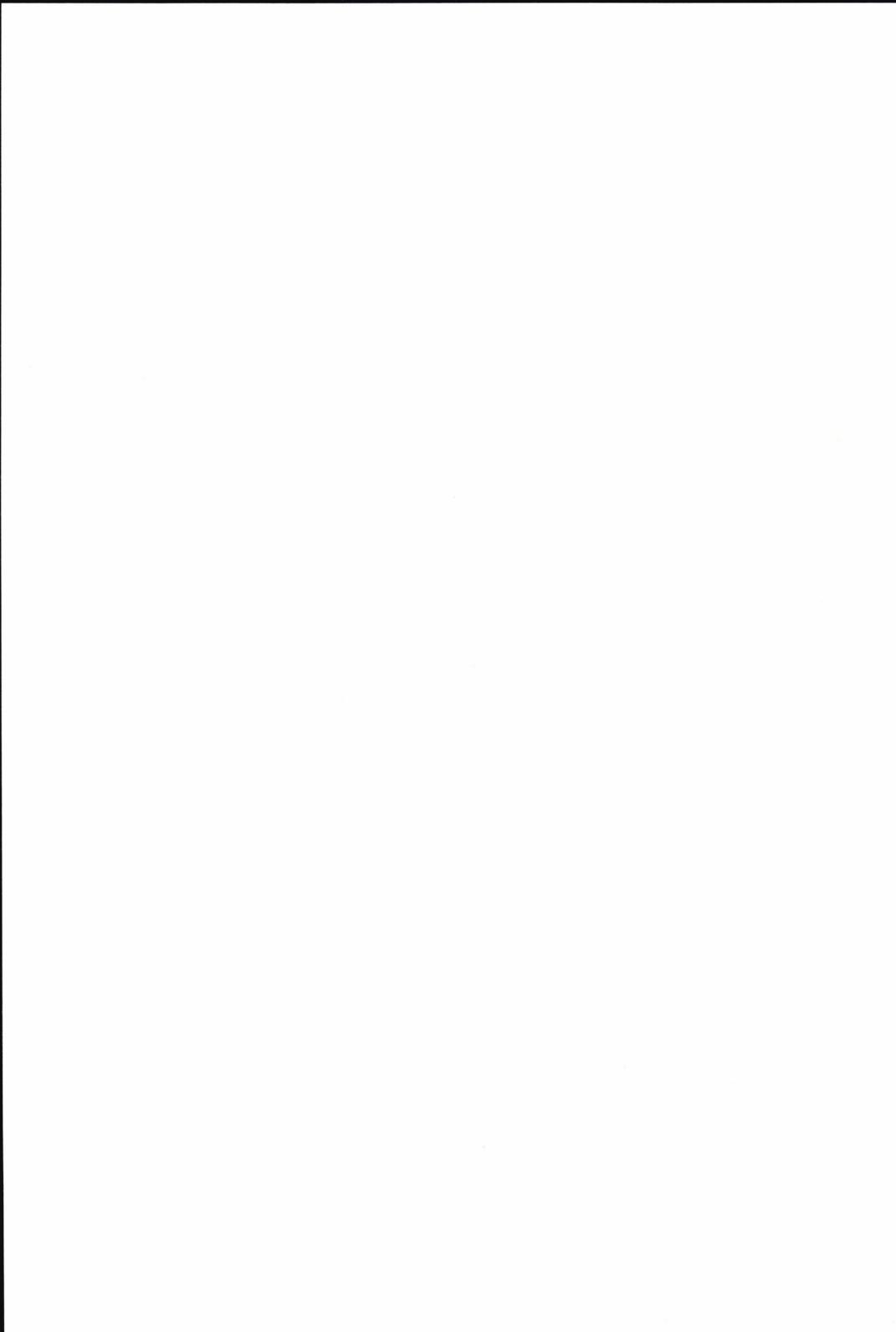
Pe. Edgar dos Santos Damásio

Salesiano



4 de Julho de 1933 - 04 de Agosto de 2010

Província Portuguesa da Sociedade Salesiana
Residência Artémides Zatti - Manique



FALECEU O PE. EDGAR DOS SANTOS DAMÁSIO

No passado dia 4 de Agosto de 2010, o Senhor chamou a si o Pe. Edgar dos Santos Damásio. Tinha setenta e sete anos de idade, sessenta de vida religiosa salesiana e cinquenta de sacerdócio. Uma vida intensa e fecunda vivida na fé, no amor e na **doação** generosa a Deus e aos irmãos, como salesiano de D. Bosco, repartida por várias missões e obras salesianas de Portugal.

Origens e percurso formativo salesiano sacerdotal

O Pe. Edgar nasceu na freguesia de Santa Isabel, em Lisboa, no dia 4 de Julho de 1933, de uma família profundamente cristã e rica de valores humanos, que o acompanhou carinhosamente no seu percurso para o sacerdócio e esteve sempre presente na sua vida salesiana sacerdotal.

Na sua infância, como deixou escrito no seu diário, sentia já uma atracção e inclinação para as funções religiosas. Com sua irmã fazia de padre e simulavam procissões.

Bem perto da sua residência ficavam as Oficinas de S. José. Seu **pai**, conhecedor da importância pedagógica das Oficinas de S. José dirigidas pelos Salesianos apressou-se a matricular o filho na primeira classe, em 1941, com 8 anos de idade. Integrou-se muito bem, como refere no seu diário. O falecimento

de sua mãe, que o apoiava na caminhada vocacional e a interpelação vocacional e o testemunho de alguns salesianos, entre os quais refere o então clérigo Manuel Magalhães, seu professor na quarta classe, levaram-no à decisão vocacional de ser salesiano sacerdote, tendo o apoio de seu pai e de suas irmãs.

Deu entrada, em Outubro de 1946, no seminário salesiano de Mogofores. Completou os quatro anos de aspirantado e iniciou o noviciado em Agosto de 1950, sob a direcção do Pe. Afonso Nacher. Concluído o noviciado, pediu para ser admitido como membro da Congregação Salesiana. Lê-se no seu pedido: *“... tendo-me esforçado, durante este ano por conhecer o mais possível, o género de vida que desejo abraçar, e tendo-o conhecido adaptado à minha vocação, peço-vos que, tendo eu licença do Mestre e do Confessor, me permitais abraçar a vida salesiana, professando os três votos... se me achardes digno disso, para melhor servir a Deus e às almas”*. Fez a sua primeira profissão no dia 16 de Agosto de 1951, em Mogofores.

Renovou esta entrega a Deus na Congregação Salesiana, a 31 de Julho de 1954, no fim dos estudos filosóficos, declarando no seu pedido de renovação ao Director: *“sinceramente convencido da missão que devo seguir e, anelando abraçar o ideal que desde verdes anos me propus, desejo continuar...”*.

Aos estudos filosóficos seguiu-se o Tirocínio, por três anos, também em Mogofores, de “lecccionação, assistência pedagógica e religiosa, vida salesiana activa, actividades desportivas, culturais e pastorais”, como escreve no seu diário.

No fim do tirocínio, a 16 de Agosto de 1957, com 24 anos de idade, foi admitido à Profissão Perpétua entregando definitivamente a sua vida a Deus, na Congregação Salesiana.

Nos escrutínios deste período formativo, os Superiores registam como qualidades a inteligência, a sociabilidade, o espírito de iniciativa e a sua atenção aos outros, que se destacaram, mais adiante, no exercício do seu ministério de salesiano sacerdote.

Para qualificar as suas capacidades, os Superiores enviaram-no para Lyon, França, para aí fazer os estudos de teologia. O Pe. Edgar, referindo-se a esta fase, escreve: “Fui enviado então para Lyon, na França, para realizar os estudos mais directamente ligados ao Sacerdócio. Foi-me também possível, aproveitando bem o tempo e as circunstâncias, realizar muitos outros estudos e actividades pastorais e culturais, nomeadamente os estudos superiores de Língua e Civilização francesa, especialmente em Paris”.

Empenhou-se seriamente, valorizando a preparação para o sacerdócio como grande prioridade da sua vida, como escreve-

veu, para “*dar o melhor que pudesse aos homens do meu mundo, em nome de Deus e da Sua esperança*”, acrescentando: “*foi assim que, aos 28 anos, a 9 Julho 1961, fui ordenado Sacerdote, com um fito: os pobres, sobretudo jovens. Com uma meta: anunciar a esperança*”.

Nos escrutínios deste período formativo, os Superiores, descrevem-no como um salesiano inteligente, sereno, fraterno, cumpridor e bom.

Após a sua ordenação sacerdotal, foi enviado como formador para o Seminário de Mogofores, como encontramos registrado no seu diário: “*Desde Setembro de 61 a Agosto de 64, trabalhei em Mogofores, como “Catequista” (“Pastoralista” e Área da Saúde), Professor e Assistente, bem como Serviços Religiosos exteriores*”.

No final destes três anos em Mogofores, foi nomeado administrador e professor na Escola Salesiana do Estoril, onde se manteve até Agosto de 1970, colaborando na Igreja local, na Comunidade Cristã de Alvide, paróquia de Alcabideche, com muito apreço e estima da parte dos cristãos.

Regressa a Mogofores, em 1970, como formador e professor, apreciado e estimado pela sua inteligência, zelo pastoral e proximidade dos alunos e do povo. Aí permanece até 1973.

As suas capacidades levam os Superiores a designá-lo para um serviço pedido pela Igreja local aos Salesianos: Director da Biblioteca Geral da Universidade Católica Portuguesa, com residência na Casa Dom Bosco, sede da Província Salesiana, cargo que desempenhou com grande competência de 1973 a 1987, recordado por professores e alunos como uma figura de referência na Biblioteca, competente, atencioso e disponível para apoio na área da investigação.

Ao mesmo tempo e durante estes anos prestou a sua colaboração na Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres, confiada aos Salesianos, nas áreas do canto coral, cursos de preparação para o matrimónio, formação de leitores, acção social, nomeadamente o acompanhamento da Conferência Vicentina e o apoio aos idosos e carenciados da paróquia, granjeando a estima e apreço dos paroquianos que ainda hoje o recordam.

Em 1987 é chamado para exercer as funções de administrador nas Oficinas de S. José, continuando a prestar a sua colaboração na paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres.

Como administrador, sensível às novas tecnologias, promove a informatização dos Serviços Administrativos e Escolares, uma experiência inovadora que se estenderá a toda a Província e na qual o Pe. Edgar presta uma valiosa colaboração ao Economato Provincial.

Em 1984 é nomeado administrador da Casa D. Bosco, sede provincial, para melhor poder acompanhar o processo de informatização na Província.

Os bons serviços prestados e as qualidades reveladas levam o Provincial a pedir-lhe para assumir o cargo de administrador da Escola Salesiana do Estoril, que exerceu de 1994 até 2003. Referindo-se a este período, escreve no seu diário: *“Nesta vigência remodelaram-se quase todos os pavilhões e os espaços de acesso e construiu-se, de raiz, uma cantina moderna, exemplo de equilíbrio entre o eficaz e o não dispensioso. Solicitado para Delegado do Centro local da Associação dos Salesianos Cooperadores, comecei praticamente do 0 e conseguiu-se, em 5 anos, uma Comunidade activa e entusiasta, a funcionar em pleno em todas as dimensões”.*

Entretanto a saúde começa a revelar algumas fragilidades, como ele mesmo constata e escreve no seu diário: *“Pelo fim do ano 2002 comecei a sentir acentuadamente a doença de Parkinson. Entretanto, fui sacudido por três implantações de córnea ao mesmo olho esquerdo, com uma descaída da pálpebra... e uma depressão acabou por me arrancar a resistência para o cumprimento das funções, até então desenvolvidas, obrigando-me a retirar para a Casa de Manique, em Setembro de 2003. Já depois de estar em Manique, fui operado a 4 artérias cervicais (angioplastia), ficando a sofrer duma angina de peito, que me*

tem sempre cansado. Tenho, no entretanto, prestado alguns serviços, tanto na Comunidade, como na Residência B. Artémides Zatti, segundo o possível”.

Esta situação de precariedade de saúde, como ele refere, motivou a sua mudança para a Escola Salesiana de Manique, em Setembro de 2003, para um melhor acompanhamento e assistência médica.

Apesar dos limites impostos pelo seu estado de saúde, neste período ainda prestou a sua valiosa colaboração na reorganização e acompanhamento da Biblioteca da Escola e da Comunidade e em actividades pastorais, de acordo com as suas possibilidades.

O seu estado de saúde foi-se agravando progressivamente, tornando-se dependente em termos de mobilidade e com outras limitações físicas, que soube aceitar com fé, serenidade e bom humor.

Perfil – algumas qualidades

O Pe. Edgar era um salesiano que primava pela ordem emeticulosidade, quer a nível pessoal, quer nas diversas funções que exerceu.

Dotado de uma inteligência superior, diligente na sua formação contínua, procurava estar com os tempos e as suas exigências, estudava com profundidade os assuntos, qualificava as suas intervenções e dava qualidade às actividades que desempenhava. De tudo tomava a devida nota. Entre os seus documentos, encontrámos a descrição de muitos momentos importantes da sua vida, bem como a apreciação de várias circunstâncias e acontecimentos. Uma verdadeira autobiografia.

Das muitas qualidades do Pe Edgar sobressaíam particularmente o gosto pela física, pela música e pela liturgia.

Fui professor de física e química durante vários anos, assim como de matemática, em Mogofores, Lisboa e Estoril, especializando-me particularmente no capítulo da electricidade, procurando enriquecer e cuidar dos laboratórios, de modo a qualificar o ensino da disciplina.

Desde os tempos do Seminário, em Mogofores, mostrou particular sensibilidade e apreço pela música, estimulado por grandes músicos salesianos, como o Pe. José Maria Alves, grande compositor. Tocava vários instrumentos, como clarinete, saxofone e violino e integrando as bandas existentes no

tempo.

Era conhecido por levar a liturgia “a sério”. Na Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres, em Lisboa, dedicou-se, com particular empenho, à animação litúrgica e à valorização dos tempos litúrgicos.

Desde o seio familiar, rico em relações que o marcaram profundamente, o Pe. Edgar cultivou a amizade, o respeito, a delicadeza e a bondade para com todos os que se cruzaram na sua vida. Era particularmente sensível às situações de injustiça e de pobreza que despertavam nele sentimentos de indignação, de compaixão e de generosidade.

Apreciava e mostrava-se grato perante gestos de atenção, de visitas e de acompanhamento e dos cuidados prestados particularmente no período de dependência, de doença e de hospitalização.

Aceitou com fé e serenidade a última fase da sua vida. Estava familiarizado com a irmã morte de que falava muitas vezes como porta para a Vida, para a comunhão plena com Deus, que amou e serviu durante toda a sua vida. Por isso, estamos certos que o Senhor o acolheu no seio da comunhão dos santos e recordamo-lo com afecto e gratidão.

Conclusão

Concluímos com alguns testemunhos de pessoas que o conheciam mais de perto, que partilharam a vida com ele e para quem constituía uma referência significativa, nomeadamente membros da sua família, salesianos e amigos, um precioso contributo para a caracterização do seu perfil.

Da sua irmã Lourdes:

Querido Edgar:

Partiste de casa para o Seminário, tinhas 11 anos e eu 9. Adaptei-me à ideia que não tinha com quem brincar, nem com quem ir à Rua do Século comprar as revistas infantis, “O Mosquito e “A Formiga”. Substituí-te por um Senhor imaginário, que era sempre o meu companheiro de jogos.

Criei, desde sempre, o hábito de te ter longe e pensei que o momento actual seria fácil, mas não é. Pesa-me a tua ausência como a da Constança. Os filhos e netos acompanham-me muito. Estão bastante presentes e atentos, mas... faltam vocês. Para trás o vazio de um irmão amigo, humorista, inteligente, com muita sabedoria e humildade, sem nunca se mostrar superior...

Irmão amigo: muito antes do seminário, portanto muito pequeno, fomos às compras perto de casa. Era noite e eu fiquei com frio, cheguei a casa com o casaco dele vestido, pois quan-

do me viu com frio, tirou o casaco e vestiu-me. Se me via em risco dum “tabefe”, empurrava-me para debaixo dum móvel. Ajudava-me também a fazer móveis para as bonecas, para eu ter o meu canto. Num grande ceremonial, baptizava-me as bonecas. Ele celebrava, e eu era obrigada a ajudar à Missa. Só me recordo duma travessura: gostava de me rebentar os balões, quando eu brincava. Com um alfinete, vinha por trás, e era serviço limpo. Um ano, em que tínhamos um pombo em casa, o pai resolreu que o ia largar. Quando o Edgar soube, encheu-lhe o papo de milho, pelo bico, com medo que ele passasse fome. Espero que não tenha morrido enfartado.

Notei-lhe sempre o desgosto de não ter mãe. Lamento não ter ajudado nada. O desgosto era também meu. Mantínhamos a ligação com a família, passando as férias em Alguber, Cadaval, terra da mãe. Um ano foi-me visitar a Braga (onde eu estive a estudar, dos 13 aos 18 anos, num Colégio das Missionárias de Maria), com a Constança. Ele tinha crescido muito e eu engordado. Dizia com humor: “Eu cresci na vertical e tu na horizontal”.

Pela vida fora manteve “o coração ao pé da boca”. Soube há pouco, por uma ex-colega do Colégio de Lisboa, onde estivemos na primária (também das Missionárias de Maria) – Hermínia Luís Bento – que, quando teve um dos filhos numa colónia de férias, o Edgar foi inexcedível. Como o rapaz era asmático, o Edgar levava-o para o quarto dele para o vigiar de noite. Um

outro filho da mesma ex-colega tinha uma dislexia. Foi sempre acompanhado pelo Edgar, que o levava também às consultas especiais. Frase da Hermínia: “tinhas um grande irmão”.

Subscrevo: Eu tinha um grande irmão!

Do seu sobrinho João Geada:

O meu tio Edgar: Era o “Edgar”, para as suas irmãs Lourdes e Constança, para o cunhado Zé (José Eduardo Geada), para todos os irmãos e irmãs do Zé, entre elas as 4 irmãs solteiras, também elementos muito activos nas suas comunidades paroquiais. Era o Tio Edgar para nós 3, os únicos sobrinhos, filhos do José Eduardo e da Lourdes, “Tio Edgar” também, depois, para a Fátima, o Manolo e a Inês, os 3 sobrinhos por afinidade, e muito mais que afinidade, por profunda amizade e cumplicidade. Por fim, simplesmente o “Tio” para os 5 sobrinhos netos, desde o mais velho, João Diogo, 19 anos, dos quais 12 percorridos nos Salesianos do Estoril, ao mais novo, Miguel, com 2 anos à data do falecimento do tio.

Eu, João Paulo, fui o sobrinho mais velho. Nasci em Maio de 1961. O Tio Edgar foi ordenado padre a 9 de Julho de 1961, com 28 anos, e eu esperei por essa ordenação para poder ser por ele baptizado, 2 semanas após a ordenação, a 23 de Julho, aliás dia de aniversário da sua irmã mais velha, a Tia Constança, que nesse dia celebrou os 37 anos. A tia Constança, falecida em Ju-

lho de 2007, e que foi para ele muito mais que uma irmã, dado que a mãe do Tio Edgar, Constantina, faleceu em 1945, tinha ele 12 anos, pelo que a irmã mais velha acumulou com as funções de matriarca da família.

Ao longo do tempo, o Tio Edgar esteve presente em quase todos os momentos marcantes da vida das nossas famílias. Em particular, no nosso caso, eu e a minha mulher, a Fátima, casou-nos, na Capela dos Navegantes à Lapa, em 1986, e baptizou o nosso filho, em Tábua, em 1991, precisamente 30 anos depois de me ter baptizado a mim...

Desde a sua ordenação em 1961, até aos dias de hoje, o mundo assistiu a uma completa revolução em todos os domínios, mas em especial nos hábitos, costumes, tradições, na moral dominante, no papel da Igreja... Não sei se em cada meio século é habitual a forma de vida mudar tanto, como nestes últimos 50 anos, mas para muitos de nós, contemporâneos destas mudanças, pareceu-nos que a sociedade se virou do avesso de 60 para cá. A mudança a que se assistiu, em particular o crescente materialismo e hedonismo a todos os níveis da sociedade, foi acossando e marginalizando, pelo menos aparentemente, as forças da tradição e da religião. Foram portanto 50 anos muito difíceis para a Igreja, para o clero, para cada sacerdote individualmente, vendo esse drama desenrolar-se.

É neste contexto que encontramos uma das grandes qualidades do Tio Edgar, a sua coerência de vida. Ele soube como pou-

cos manter o equilíbrio, a lucidez, a firmeza, num tempo que lhe era desfavorável, sem receios, sem temer as modas, os ventos contrários. Talvez o facto de ter estudado no estrangeiro, em Lyon e Paris, o tenha, de alguma forma, preparado para o que aí vinha, ou seja, a revolução do Maio de 68, com todas as suas implicações. A partir dos anos 70, em especial a seguir ao 25 de Abril, trocou simplesmente a sotaina pelo fato normal, mas mesmo à paisana por fora, nada nele havia mudado por dentro, e manteve-se fiel às suas convicções e aos seus votos, durante esses tempos revoltos.

Outra das qualidades intrínsecas e características que dele irradiavam, era a sua forma discreta e diplomática de actuar e falar, eu diria “a soft speaking guy” e o meu filho creio que o achava até bastante “cool”. Elegante, sempre impecavelmente vestido, mas, claro, sem gastos nem desperdícios, vestia o que lhe davam, e nunca perdia de vista o apoio aos pobres, como a sua verdadeira prioridade. Sabia conviver com a riqueza, no Estoril, em Cascais, em Oeiras, mas nunca perdia de vista o essencial. A sua maior preocupação, ao receber dádivas e mais tarde alguns recursos herdados, foi sempre aplicá-los o mais rapidamente possível, no alívio aos pobres que ele conhecia.

Outras qualidades do Tio Edgar eram a sua abrangente cultura e o seu sentido de humor, bastante subtil, o que, aliado à sua afabilidade natural, fazia dele uma presença cativante e benfazeja, em qualquer momento de convívio familiar. A sua

afectividade, também, cativava os que iam entrando na família, a Fátima, o meu cunhado Manuel Seoane (Manolo), a minha cunhada Inês. O Manolo cumprimentava-o com um beijo na face, a Fátima abraçava-o cada vez que se encontravam, os sobrinhos netos tinham-lhe imenso respeito e amizade.

O seu “low-profile” levava-o a trabalhar nos bastidores, de forma discreta mas julgo eu bastante eficiente, já que nas funções de Administrador dos Salesianos, no Estoril, ou nas Oficinas de S. José, por exemplo, constatava-se facilmente a evolução das instalações, o impulso de organização, de conservação e também de modernização e de melhorias constantes, reconhecidas por pais e alunos das escolas. Seria obra dele? Certamente de toda uma equipa. Mas não sabemos, ele não fazia nunca alarde das suas realizações e dos seus êxitos.

Creio que o destino nunca o colocou naquelas situações limites, em que a história colectiva passasse por ele. Os holofotes que sobre ele incidiam eram simplesmente os da celebração eucarística e ele dedicava-se aos pequenos-grandes dramas individuais de cada pessoa que estava no seu caminho. Uma vez perguntei-lhe se, nas confissões que havia feito ao longo da vida, alguma vez lhe haviam surgido casos surpreendentes de assassinato, fraude, coisas terríveis, coisas de filmes. Ele respondeu: casos de aborto.

A saúde marcou, penso eu, o seu percurso: as limitações da vista, sempre presentes, muito graves, próximo da cegueira aos

70 anos. Nessa fase, igualmente o Parkinson, que o foi torturando e tolhendo até à morte. Ainda assim, esteve lúcido e dialogante até bem perto do fim.

Uma das suas paixões, confessam, eram o vinho, o whisky, a aguardente, aos quais atribuía múltiplas propriedades quase medicinais. Diga-se que ele tinha feito o voto, por alturas da ordenação, de nunca mais beber água. Em contrapartida, nunca teve a coragem de fazer o mesmo relativamente ao vinho. E, creio, se não fosse o facto de ter perdido o olfacto a meio da vida, teria certamente dado um excelente enólogo. Pelo contrário, em termos gastronómicos, desculpava-se por comer relativamente pouco daquilo que lhe ofereciam à mesa, dizendo que tinha um estômago pequeno.

Outra das paixões, confessam, era a música, contudo aí não havia muito para partilhar. Pelo menos comigo. Uma geração nos separava, ele ofereceu-me uma viola, era eu teenager, e propôs-se dar-me lições. Eu pouco evoluí e a viola foi arrumada na arrecadação. Em compensação, décadas mais tarde, tivemos o prazer de o levar ao Estoril Jazz, no Parque Palmela, creio que gostou.

Quem também nutria por ele profundo respeito e forte amizade, no seio da família, eram as nossas tias Geada, 4 tias solteiras que ainda hoje na faixa dos 70 a 80 anos estão em plena actividade paroquial e de voluntariado em diversos domínios, mas muito ligadas à Igreja. Em particular, a Isabel Geada que com

ele muito gostava de trocar ideias e experiências. E não deixa de ser irónico o facto de elas, também do seu lado, terem tido um tio padre, pároco de Santo Estêvão em Alfama, criador da obra social de apoio às crianças “Pardais de Alfama”, e que faleceu, na solidão da sua igreja de Alfama, no dia após ter festejado o cinquentenário da sua missa nova, em Outubro de 1953.

O tio Edgar, pelo contrário, que tantas vezes brincava com o seu desejo de passar para o lado de lá o mais cedo possível, acabou por não conseguir, por pouco, chegar ao cinquentenário, aqui na Terra, cinquentenário que se completaria a 9 de Julho de 2011.

Dos salesianos:

*Pe. João de Brito Carvalho,
Provincial*

Do padre Edgar guardo a imagem de um salesiano culto, actualizado e determinado.

Quanto ao aspecto da cultura, associo a sua figura à organização e informatização da biblioteca da Universidade Católica, onde trabalhou por vários anos. Ao mesmo tempo, recordo-me das indicações e do desvelo com que promoveu a preservação e sistematização dos livros e outros documentos de interesse histórico das casas salesianas, em Portugal. Ao mesmo tempo, e

do ponto de vista pastoral, destacou-se como exímio defensor das normas litúrgicas, com o intuito de dignificar as celebrações com o povo e as práticas comunitárias. Neste sentido, recordo-o também como um grande promotor do canto coral litúrgico.

Como salesiano actualizado, com Dom Bosco e com os tempos, chamou-me a atenção a forma como se embrenhou no estudo das novas tecnologias da informação, nomeadamente nos programas, naquela altura incipientes, que iam aparecendo ao nível da organização administrativa das casas salesianas e da contabilidade. Considero-o mesmo pioneiro neste campo, em termos salesianos, na altura em que era ecónomo nas Oficinas de S. José, em Lisboa.

Como homem determinado, gostava de sublinhar o seu espírito empreendedor, lutando contra algumas limitações de saúde, nomeadamente as dificuldades de visão e, mais tarde, a doença de Parkinson. Apesar disso, enquanto as forças lho permitiram não deixava de trabalhar regularmente no computador, anotando as suas vivências e até procedendo a algumas traduções.

O Deus da Vida o recompensará pelo bem que realizou na terra.

Pe. Amador Anjos,

antigo Pároco de Nossa Senhora dos Prazeres

Conheci bem o Pe. Edgar, pois trabalhou comigo na Paróquia de Nª Sª dos Prazeres (Lisboa), durante vários anos, e fomos companheiros na doença.

A sua colaboração na paróquia foi prestimosa, sobretudo no campo da liturgia. Um exemplo significativo do trabalho por ele desenvolvido neste sector: a iniciativa de um grupo de leitores para a proclamação da Palavra nas celebrações eucarísticas. O grupo reunia semanalmente para a devida preparação. E esta era de tal modo esmerada e exigente que encantava a forma como se fazia a proclamação, tornando clara a percepção das palavras, todas elas bem silabadas. E num tom que denotava, da parte do leitor, a compreensão do verdadeiro sentido do texto proclamado. As reuniões do grupo serviam ao mesmo tempo para o alargamento e aprofundamento dos textos bíblicos e litúrgicos nos seus membros, constituindo uma escola fecunda de formação cristã.

Um outro exemplo. Não menos significativo, seria o coro de música sacra que ele dirigia com mão de mestre.

Homem de um aprumo impecável na sua pessoa, do maior rigor e exactidão no que fazia; de grande competência em assuntos relacionados com a liturgia e a Bíblia que cultivava com gosto e sistematicamente. A salesianidade era outro campo que

ele cultivava e tomava a sério.

Numa palavra, o Pe. Edgar era, para mim, um homem arrumado nas ideias e nas acções e verdadeiramente culto.

O seu retrato ficaria incompleto sem uma referência à maneira como enfrentava e vivia a grave doença que o foi incapacitando progressivamente e acompanhou até ao termo dos seus dias, os últimos dos quais foram torturantes. A serenidade e coragem, a fé e esperança com que soube abraçar a cruz – bem pesada, aliás – revelavam no Pe. Edgar as características de verdadeiro discípulo de Cristo, o Homem das dores.

P. Artur Pereira,

Vice-Provincial e Director das Oficinas de S. José

O P. Edgar dos Santos Damásio sempre me causou grande admiração. Ele viveu como se visse o invisível. Conheci-o em Mogofores. E já nessa altura dizia que queria morrer aos quarenta anos. Dizia-o de uma forma jocosa, mas não banal; com boa disposição e alegria contidas. O seu interesse pela liturgia e pelo canto fez dele um homem espiritual que acompanhou o crescimento das suas debilidades físicas com a reflexão consistente sobre a morte e a ressurreição. Pude acompanhá-lo mais de perto em Manique durante quatro anos. O seu desejo da morte era constante. Escreveu textos sobre este tema, procurou racionalmente o Mistério, à medida que o corpo experimentava

progressiva e inevitavelmente a falta de vista, a parkinson e a perda global das forças. A sinceridade da sua procura e a inteligência das suas objecções, fazem do P. Edgar um salesiano que sofreu muito, soube situar-se como cristão e partiu para a glória do Pai, porque incessantemente o procurou. O P. Edgar deu bem cumprimento à frase de S. Agostinho que conhecemos: “Criastes-nos para vós, Senhor e o nosso coração anda inquieto enquanto não repousar em vós”. Paz à sua alma.

P. Artur Pereira

Pe. Simão Pedro Cruz,

Antigo Provincial e actual Director da Escola Salesiana do Estoril

Conheci o Pe. Edgar desde os meus anos de seminário em Mogofores. Bem depressa me dei conta da pessoa fina, amável e alegre com que, ao longo dos anos, me encontrei na nossa vida de salesianos. Dotado de inteligência superior, reunia outras muitas qualidades, desde o condão de saber falar, à capacidade de criar empatia com as pessoas, aos talentos musicais.

Pessoa de convicções fortes, era amável e receptivo no diálogo, sempre amenizado com um fino sentido de humor. Era um salesiano culto, mas sobretudo sensível aos outros e com um forte sentido espiritual. Era ver como animava a Eucaristia e o canto e o gosto apurado com que incutia nos outros a beleza da

liturgia. Não lhe faltaram na vida momentos de algum sofrimento e limitações, que ele soube enfrentar com coragem e muita confiança em Deus e na Virgem Auxiliadora.

Pe. Joaquim Taveira da Fonseca,
Director do Colégio dos Órfãos do Porto

Acerca do P. Edgar ocorre-me o seguinte:

Estive com o P. Edgar alguns anos na Comunidade do Estoril, onde ele era Administrador. Visitei-o algumas vezes, já ele estava na Casa Artémides Zatti em Manique. Tive por ele sempre um grande carinho, apesar de uma que outra vez defendermos opiniões diferentes sobre alguns assuntos. É natural, creio eu! Admirei-lhe a grande bondade para com os mais desfavorecidos a quem procurava ajudar, algumas vezes sem a devida correspondência destes, numa gratidão pelo que por eles fazia. Era um elemento conciliador dentro da Comunidade. Era um homem piedoso e exigente na seriedade litúrgica. Era um liturgista de excelência e procurava que os irmãos da Comunidade seguissem as normas litúrgicas, sobretudo nas Eucaristias e Orações comunitárias. Apesar de um pouco pessimista em relação à vida, aceitava o sofrimento com coragem. Tive pena de estar muito longe e não poder estar no seu funeral. Rezo por ele.

De alguns amigos:

Professor Doutor João César das Neves,

Professor da Universidade Católica

O Professor Doutor João César das Neves conviveu durante alguns anos com o Pe. Edgar na Universidade Católica, tendo-lhe sucedido na direcção da Biblioteca. Dele dá-nos o seguinte testemunho:

Agradeço muito a informação. Irei rezar por sua alma.

Gerações de alunos da Universidade Católica conheceram bem o Padre Edgar Damásio, como director da biblioteca. O elemento mais visível, que o tornava famoso nas turbulentas massas estudantis era o seu rigor no silêncio da sala de leitura. Em breve todos os estudantes aprendiam uma disciplina e beneficiavam do ambiente de estudo que ela gerava. Mas, talvez menos sensível mas muito mais influente, era o seu rigor e eficácia no funcionamento, catalogação e disponibilidade das obras, que fez dos serviços da biblioteca um instrumento precioso para toda a comunidade académica. Foi ele o fundador e seu director durante quase 20 anos.

Conheci-o como todos os meus colegas, mas tive depois a honra de lhe suceder no cargo. Nessa altura pude constatar a dificuldade da tarefa e também a eficácia e seriedade com que

ela fora concebida, e que todos sabiam ter a assinatura do Padre Edgar. Das breves conversas que então tive com ele fiquei com a sensação de um homem muito inteligente, seguro e tenaz na defesa das suas convicções. Só assim conseguiu vencer as muitas dificuldades que teve de enfrentar nos tempos heróicos da Universidade Católica.

Professor Doutor José d'Encarnação,
Antigo Aluno do Estoril, Professor de História na Universidade de Coimbra e grande admirador do Pe. Edgar

Permita-se-me que evoque aqui a sua memória, para que fique registada a sua passagem entre nós, não só porque foi professor de muitos dos jovens que, nas décadas de 60 e 70, passaram pela Escola Salesiana do Estoril, mas também – e sobretudo – porque foi «ministro da Palavra» em várias das capelas a que os Salesianos foram dando apoio ao longo destes anos, nomeadamente quando a comunidade do Estoril ainda contava com bastantes sacerdotes disponíveis para celebrarem as missas dominicais pelas circunvizinhas paróquias de Estoril, Cascais e Alcabideche. Recordo que esteve ligado, durante muitos anos, à capela de S. José da Bicuda, aí granjeando a simpatia dos fiéis. Uma das últimas capelas a que prestou assistência foi a de Santa Iria, em Murches; mas, na verdade, quando aí o vi – talvez há uns quatro anos atrás – já se encontrava bastante debilitado,

quer por grandes dificuldades de visão quer por sofrer da doença de Parkinson. Não era pessoa que procurasse sobressair. Dava serenamente as suas aulas; exerceu, por diversas vezes e com extremo rigor, as funções de administrador da escola; preparava com cuidado as homilias, deixando transparecer, de modo particular, a imagem de quem procura, no dia-a-dia, cumprir a missão que escolheu.

Recolhemos, desta maneira, a sua herança espiritual, como estímulo à fidelidade e entrega à missão que ele partilhou connosco e confiamos-lo à misericórdia de Deus.

A Comunidade Salesiana

Manique, 11 Fevereiro de 2011

Dados para o necrológio:

Pe. Edgar dos Santos Damásio,

Nasceu em Lisboa, a 4 de Julho de 1933,

Faleceu em Manique, no dia 4 de Agosto de 2010,

Com 77 anos de idade, 59 de profissão religiosa salesiana e
49 de ordenação sacerdotal.